

Alfândega da Fé. Paisagens, património e gentes.

João Paulo Cabral (jpscabral@hotmail.com)

&

João Bernardo Cabral (joaobernardocorreiacabral@gmail.com)

Exposição de Fotografia. Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, 8 de Maio – 30 de Julho de 2023 – Alfândega da Fé

O topónimo, de nítida raiz árabe (*al fandum*, estalagem, na origem de alfândega, local onde se armazenam mercadorias e se cobram taxas), transporta-nos aos longínquos tempos medievais em que provavelmente se terão fixado neste território alguns invasores islâmicos. Muitos e violentos terão sido os confrontos entre cristãos e muçulmanos. O obscuro combate de Chacim terá sido um dos episódios da Reconquista. Foi aí que cristãos transmontanos terão infligido potente golpe aos muçulmanos. «A palavra chacina e o verbo chacinar não teriam, porventura, outra origem. Seriam, como que os resíduos vocabulares ou toponímicos de uma obscura derrota quase decisiva, pelo morticínio» (Sant’Anna Dionísio, 1977, p. 268). Outras hipóteses têm sido levantadas para a origem do topónimo, como relacioná-lo com a batalha de *Alhândega*, uma «refrega que se seguiu à batalha de Simancas em julho de 939 entre Ramiro II e o Califa Abderraman III» (Costa, 2015).

Teve foral dado por D. Dinis em 1294 e reformado por D. Manuel em 1510. No século XVI o castelo da vila já estaria arruinado. Nas *Memórias Paroquiais*, ainda se relata que era possível identificar o percurso da muralha e as portas que nela se abriam.

A *Corographia Portugueza* do P.^o Antonio Carvalho da Costa publicada em 1706 fornece-nos alguns elementos sobre a geografia, agricultura e pecuária do concelho de Alfândega da Fé. Na vila e em seu termo recolhia-se «muito pão, & azeite, mediano vinho, gados, & alguma caça, & nos lugares da serra muita castanha». Sambade, «terra fria & de muitas neves», tinha «muita castanha, & linho, agua em abundância, & recolhe muitas, & boas frutas». Perto, estava Covellas, assim como Villa-nova, que também eram «terra fria, & recolhe[m] muita castanha». Agrobom, terra de «sessenta fontes de boas, & cristalinas aguas», «recolhe muito azeite, & figos, tem criação de bicho de seda». Perto, Valpereiro, também «recolhe muito azeite, & figos, tem criação de bichos de seda», sendo «terra muito quente». Gebelim, tinha «muita castanha, & bõ[m] linho galego, pão, & vinho moderado» Vilarçhão, terra com «quatro fontes», «lugar rico», «recolhe muito azeite». O lugar de Soeyma, «fundado em serra fria, recolhe muita castanha, pouco pão, nenhum azeite, muito vinho, mas não he estimado». No alto da Serra de Bornes («Montemel») «se colhe bom trigo; & geralmente toda ela produz pão, & por esta causa não tem matos».

Algumas décadas depois da publicação da *Corographia* de Carvalho da Costa, as *Memórias Paroquiais* de 1758 (e os autos das sessões e as posturas da Câmara Municipal) permitem-nos reconstruir o quadro social, económico, militar, geográfico, assistencial, político e religioso do concelho de Alfândega da Fé em meados do século XVIII. O senhorio pertencia à Casa de Távora, sendo então o titular do marquesado, Francisco de Assis e Távora. As mais numerosas freguesias do concelho eram Sambade (ca. 1213 pessoas), Alfândega da Fé (532 pessoas), Gebelim (290 maiores de idade) e Vilar Chão (306 pessoas). A população total do concelho rondaria os nove milhares. Na freguesia de Alfândega da Fé, «os fructos da terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia» eram «trigo, centeyo, Azeite, que são os primeiros frutos desta Villa; alguma cevada tambem, vinho pouco, porem bom, mel, lãa, grãons, feijõens, boas uvas de dependura, bõns figos verdes, e para passa, Leites, e queijos, pouca, ou nenhuma da mais fruta; mas excelentes melõens, e Azeitonas de conserva para comer.». Em Sambade, as principais produções eram o centeio, a castanha, a cevada, «algum trigo pouco», «frutas, de molons, e peros, e serejas de varias qualidades», e «vinho menos», «algum mel e cera», «he abundante de pastarias para as crias grandes e para as miudas [...], que no inverno sendo de tempestades e neves se conssuem e perdem». A parte alta da freguesia, na serra de Monte Mel (serra de Bornes), era povoada de carvalhos, pinheiros, castanheiros, oliveiras, «muyto bom centeyo», e ervas medicinais tais como «cardo santo» [*Cnicus benedictus* L.], «pimpinela» [*Sanguisorba minor* Scop.], «gilbardeira» [*Ruscus aculeatus* L.], «fiolho da terra» [*Foeniculum vulgare* Mill.], «pepinca» [?], «torguinha» [*Erica arborea* L., *Calluna vulgaris* (L.) Hull]. Em Ferradosa produzia-se centeio, trigo, cevada, azeite, seda e vinho, e em Sendim da Serra, trigo, centeio, cevada, azeite e vinho.

Perto do final do século XVIII, o *Mappa do estado actual da provincia de Tras-os-Montes*, um manuscrito de Columbano Pinto Ribeiro de Castro terminado em 1796 (transcrito em Mendes, 1981), fornece-nos informações particularmente detalhadas sobre a geografia e a demografia desta vasta província. Em Alfândega da Fé e seu termo (não incluía as freguesias do norte-nordeste do actual concelho, Agrobom, Vale Pereiro, Saldanha, Vilar Chão, Soeima, Gebelim, Parada), a população estava muito «diminuta», excepto em Sambade, «donde há huma fabrica de pannos grossos a que chamão boreis, em que se entrem a maior parte dos moradores, tanto homens como mulheres». A produção de cereais e de vinho tinha aumentado, e podia-se promover a plantação de oliveiras «porque este genero não so hé menos laborioso e dispendioso no seu granjeio mas interessante pelo valor da sua medida», existindo muitas terras aptas a cultivar esta árvore. As principais produções da vila e seu termo eram as lãs, sedas e azeite. O número total de habitantes era de cerca de quatro milhares e meio, em número aproximadamente igual de homens e mulheres, exercendo, a maioria, os seguintes ofícios e profissões (por ordem decrescente, usando as categorias indicadas neste manuscrito): lavradores, jornaleiros, fabricantes de lãs, criados, cardadores, criadas, eclesiásticos, pastores, sapateiros, alfaiates, negociantes, carpinteiros e ferreiros (Mendes, 1981, pp. 242-246). O concelho de Castro Vicente (hoje freguesia do concelho de Mogadouro) englobava as freguesias do norte-nordeste do actual concelho de Alfândega da Fé (Agrobom, Saldanha, Vale Pereiro, Vilar Chão, Soeima, Gebelim, Parada), tinham «diminuta» população, que no entanto excedia os três milhares de habitantes. O terreno era «áspero e por isso a sua produção consiste em pão centeio e algum azeite. Não tem fabrica alguma; o seu negocio hé a vendo dos seus fructos», principalmente vinho e azeite. Os principais ofícios e profissões eram idênticos ao de Alfândega da Fé, excepto que existiam 27 moleiros, certamente junto a cursos de água, actividade que não é mencionada para o concelho de Alfândega (Mendes, 1981, pp. 262-265).

Paulo Costa (2015) sintetizava: «A economia desta localidade assentava na agricultura. Uma agricultura de subsistência onde a olivicultura destoava. Essa monocultura intensiva pertencia ao Senhor Donatário que dela tirava um bom rendimento. A população em geral praticava uma policultura onde participava a indústria caseira da seda. As elites locais viviam dos ofícios régios e da administração local. Exceção eram os homens de negócio, almocreves, comerciantes ou mercadores que viviam em Sambade mas negociavam por toda a região. Este é o retrato resumido da sociedade e da economia de Alfândega no Antigo Regime.».

Um século depois das *Memórias Paroquiais* e do *Mappa* de Ribeiro de Castro, João Maria Baptista publica em 1874 a *Chorographia moderna do reino de Portugal*, obra importante que, com base em extensa bibliografia, actualizava a *Chorographia* de Carvalho da Costa. Que panorama emerge do concelho de Alfândega da Fé, passado um século? Em Agrobom produzia-se «muito azeite, algum trigo, abundancia de figos; tem caça miuda tanto rasteira como do ar, e criação de bichos de seda», Alfândega da Fé «recolhe muito trigo, centeio, milho, azeite, castanha e tem boa criação de gados», Cerejais produzia «trigo, centeio, vinho e azeite, tudo em pouca quantidade; cria ovelhas de lã finíssima», Gebelim «trigo, centeio, algum vinho, muita castanha, e bom linho galego», Parada tinha «muita pescaria no rio Sabor», em Saldanha recolhia-se «muita cereja», Sambade, «terra fria e de muitas neves», produzia «castanha, linho, muitas e boas fructas», Soeima, de clima «bastante frio», era terra de «pouco trigo e centeio, muita castanha e vinho», Vale Pereiro tinha «bons figos, muito azeite e [...] criação de bichos de seda», Vilar Chão produzia «muito azeite», Vilaes da Vilariça «muita fructa de espinho e os excellentes melões chamados da Villarica». O Vale da Vilariça, «regado pela ribeira Villarica», era «fertillissimo em azeite, milho, optimos melões e canhamo» (Baptista, 1874, pp. 261-278). No ano anterior à publicação desta obra – 1873, a Câmara Municipal, reunida a 31 de Maio, dava sequência a uma proposta do Governador Civil para que se arborizassem alguns terrenos baldios, determinando que fosse plantada uma mata de pinheiros com 2,5 hectares.

Um retrato de Trás-os-Montes desta época surge-nos no auto da sessão da Câmara Municipal de 26 de Junho deste mesmo ano de 1874, em resposta a um pedido do Governador Civil do distrito sobre a reforma das comarcas e a organização dos julgados. Ao contrário do que se observava em Entre-Douro-e-Minho e Beiras, na província a «gente é pouca não há artes industriais nem comércio» e «as terras são de mais». As povoações «são raras e pequenas e as mais delas separadas por profundos vales e montes, em que se viaja com grande risco; onde quase não há estradas e faltam as artes, as fábricas, as indústrias e o comércio, a instrução e progresso de que já gozam outras províncias; e por isso toda a actividade se limita à cultura dos poucos produtos agrícolas, pelas mais reprovadas práticas rotineiras» (Lopes, 2018, p. 111).

O concelho produziu em 1868 mais de 14 toneladas de casulo. Em 1871 ainda produziu em excesso de 17 toneladas. Vilarelhos era o principal centro produtor. À Câmara Municipal, reunida a 17 de Março de 1873, era dado conhecimento de um relatório do Governador Civil que apresentava como necessidades o desenvolvimento da cultura da amoreira branca. No ano seguinte (1874), a Câmara deliberava que as amoreiras (cerca de um milhar) que tinham recebido dos viveiros de Freixo-de-Espada-à-Cinta fossem plantadas, uma parte (200), nas margens da estrada do Prado, e as restantes, repartidas pelas várias paróquias do concelho. Todavia, a plantação não teve futuro propício. Passado um ano, a Câmara Municipal reunida a 5 de Junho de 1875 oferecia 50\$000 reis «a quem descobrisse quem arrancou as amoreiras do Prado; e estendia-se o valor para quem no futuro denunciasse os malfeitores, caso se repetissem as mesmas cenas de destruição» (Lopes, 2018, p. 118). De qualquer forma, as amoreiras acabaram por se estabelecer no Prado, porquanto a Câmara, reunida a 19 de Julho de 1882, deliberou nomear uma pessoa «por dois meses e com o salário diário de \$100 réis, para guardar as amoreiras do prado», dado que «alguns indivíduos e animais destruíam aquelas árvores» (Lopes, 2018, p. 153). Todavia, uma doença atacou o bicho-da-seda e, em poucos anos, a produção declinou acentuadamente em todo o distrito. Não havendo criação do bicho-da-seda a maioria das amoreiras foi abatida.

No século XIX, a par da olivicultura e dos cereais, a cultura da vinha era um dos pilares da agricultura de Alfândega, sobretudo nas terras mais baixas. Na verdade, a vinha era, desde tempos recuados, um dos pilares da agricultura. É a única produção agrícola referida na carta de foral de 1294! (Lopes, comunicação pessoal). O aparecimento da filoxera da vinha, praga causada pelo insecto hemíptero *Daktulosphaira vitifoliae* (Fitch, 1855), veio diminuir drasticamente a importância desta cultura no concelho, e em toda a região transmontana e duriense. Os insectos, no estágio de ninfa, de pequenas dimensões, perfuram as raízes, alimentam-se da seiva e produzem uma toxina que acaba por matar a planta. A praga existia na América do Norte, tendo sido trazida para a Grã-Bretanha na década de 1850. Em 1864 o insecto é detectado em vinhas das encostas do Rhône, em França e, em poucos anos, espalhou-se pela Europa. A primeira detecção em Portugal ocorreu em 1867 no concelho de Sabrosa. A partir de 1871 a praga propagou-se rapidamente na região duriense. Em 1873 era publicada uma tradução para português de um trabalho de Eduardo Loarer sobre esta praga – *A Phylloxera, pulgão da vinha*, o que mostra a importância da praga em contexto nacional. A filoxera terá entrado em Alfândega por volta de 1880 dado que a primeira referência à filoxera nos autos da Câmara surge a 18 de Agosto deste ano. Foi «decidido comprar dois injectores para a cura ou destruição da Filoxera, para serem utilizados pelos proprietários em cujas vinhas se apresente a terrível epidemia» que então «já se manifesta nas povoações de Vilarelhos e Eucísia» (Lopes, 2018, pp. 141-142). Cerca de dois anos depois, a Câmara Municipal, reunida a 28 de Junho de 1882 e seguindo as recomendações terapêuticas da época (injecção no solo de sulfureto de carbono, um líquido volátil e tóxico para os insectos), solicitava ao «Presidente da Comissão Filoxérica da Régua, dois injectores e dois barris de sulfureto para aplicar em experiências nas vinhas mais atacadas da filoxera neste concelho» (Lopes, 2018, p. 153). Um ano e meio depois, a Câmara, reunida a 21 de Janeiro de 1884, promovia a segunda medida então recomendada para o combate à filoxera, pedindo à Comissão Filoxérica do Norte, «cepas americanas, resistentes à doença, para criar um viveiro que seria dirigido pela Câmara ou por pessoa particular» (Lopes, 2018, p. 161).

Em 1895 o concelho era extinto (decreto de 14 de Agosto do governo do Partido Progressista de Hintze Ribeiro) sendo as freguesias anexadas aos concelhos limítrofes. A reacção da população foi violenta. O governador civil de Alfândega enviou forças militares para tentar controlar a insurreição. A Câmara Municipal foi assaltada e saqueada. A agitação manteve-se por bastante tempo. Face à reacção popular e das elites alfândegenses (é neste contexto que se insere a monografia sobre Alfândega de João Manuel de Almeida Morais Pessanha, de 1897), o Partido Progressista arrepiou caminho quando chegou de novo ao poder. Um decreto de 13 de Janeiro de 1898 restauraria o concelho de Alfândega, repondo-se a situação anterior a 1895.

Em Alfândega havia uma importante comunidade hebraica. Fazia do comércio, em particular de tecidos de lã, linho e seda, o seu modo de vida. Existiam também muitos cardadores de lã. A lã era lavada, fiada e tecida, fabricando-se depois o pano para diversas peças, como cobertores, sacos, mantas, em teares primitivos e rudimentares. Entre 1560 e 1726, foram presas pela Inquisição 21 pessoas, acusadas de judaísmo (idades compreendidas entre os 19 e os 60 anos), a maioria das quais era residente em Sambade (Costa, 2015). Permanecem por localizar actuais vestígios da presença desta importante comunidade hebraica em Sambade. O

topónimo «Bairro dos Judeus», hoje à entrada da povoação, será talvez a única memória que permanece desta comunidade (Ana Pinto, 2015).

Da freguesia de Valverde era natural Fr. João Hortelão (-1499). Professou no convento franciscano de Santa Marina, junto ao Douro, perto de Lagoaça. Depois passou para o convento de Salamanca onde, a partir de esmolas, recolheu fundos para a construção da igreja da Anunciada em Portugal. Está sepultado no convento de Salamanca (Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança, vol. VII, pp. 242-243).

João Baptista Vilares, em monografia publicada em 1926, destacava, para o conjunto do concelho, a produção de centeio, trigo, batata, vinho, amêndoa, cortiça, castanha e lã, e fruta. Menciona a existência de um extenso pinhal entre Vilares e Colmeais. O sobreiro era abundante em todas as freguesias. A principal mancha de soutos encontrava-se na freguesia de Sambade. Os carvalhos eram pouco numerosos. A figueira estava restringida ao sul do concelho.

A paisagem é hoje muito diferente da que seria no século XVIII e XIX. Os cereais já não são relevantes. Desapareceram as amoreiras e a criação do bicho-da-seda, o linho, e as figueiras são escassas. Nas fruteiras, são relevantes as cerejeiras, os pessegueiros e as amendoeiras (cultura que terá sido introduzida em finais do século XIX). Contudo, a oliveira (a azeitona e o azeite) mantém-se como cultura que, em algumas freguesias, domina a paisagem. Também o castanheiro manteve a sua presença relevante nas terras altas. A vinha (e o vinho) não tem hoje grande expressão. A pecuária continua a ser uma actividade com alguma importância, assim como os laticínios. Muitos ribeiros e rios já não correm livremente, acabando em represas e barragens. O Rio Sabor, outrora livre e selvagem da nascente até à foz, termina presentemente numa barragem. Nasceu uma grande albufeira que radicalmente cambiou a paisagem de parte do concelho. O espelho de água contudo, azul, ora escuro ora turquesa, atrai a nossa atenção.

Como memória de outros tempos, permanecem na paisagem muitos pombais, alguns dos quais, todavia, em ruínas. Neste momento estão identificados 135 pombais, uma dúzia deles restaurados. Parada é a zona com maior concentração de pombais, com 17 identificados (Lopes, comunicação pessoal). Há cerca de um século, João Baptista Vilares, na sua monografia sobre o concelho, salientava que o pombo, «ave de grande utilidade e bom rendimento sem despesa alguma para o lavrador», tinha uma carne «muito saborosa», sendo o seu estrume «muito bom» para a agricultura e os campos. O concelho exportava então «alguns milhares de pombos para os torneios (tiro aos pombos)», existindo pombais em «quási todas as povoações».

As terras de Vilarelhos são das mais ricas do concelho. Destaca-se o imenso olival e a produção de azeite. Há cerca de um século, na época da colheita da azeitona, podiam observar-se «ranchos de azeitoneiros» que vinham das partes altas do concelho, e aí residiam até ao fim da apanha (Vilares, 1926, p. 265). A importância e a qualidade do vinho justificaram a integração desta freguesia – a única do concelho –, na área duriense. A construção da barragem de Vilarelhos veio possibilitar um melhor aproveitamento das culturas de regadio. O solar dos morgados de Vilarelhos, do século XVIII, salienta-se na zona central do casario. Pintado a ocre amarelo, apresenta um notável trabalho de alvenil na decoração das portas e das janelas. Destaca-se a capela lateral e uma original chaminé de grandes dimensões. Francisco António Pereira de Lemos (1800-1883), 4.º e último morgado de Vilarelhos e colega de Almeida Garrett na Universidade de Coimbra, liberal convicto, foi presidente da Câmara Municipal (1836-1837, 1838-1840, 1854-1857) e deputado Cartista na Cortes Constituintes de 1837-1838 e nas Cortes de 1840-1842. A ele se deve o importante segundo Código de Posturas Municipais, aprovado em 1839 (Lopes, 2022). No seu grande solar, «albergue dos pobres e dos desgraçados», «diariamente se dava ali de comer a dezenas de mendigos e quando a fome batia à porta do operário, êle abria trabalhos que não precisava fazer para sustentar as bocas famintas» (Vilares, 1926, p. 147).

Da Capela de Nossa Senhora dos Anúncios, no caminho entre Vilarelhos e Santa Justa, alcança-se um excelente panorama do vale da Vilariça.

A igreja matriz de Sambade, a maior do concelho, com cinco altares em talha dourada, dois púlpitos (um de cada lado, ambos de granito), bem iluminada por várias janelas, foi edificada em finais do século XVIII, possivelmente nos anos 90 deste século. Retábulos e pinturas dos tectos são obras posteriores, já do século XIX. Trata-se de um edifício de configuração barroca, com alguns elementos decorativos rococós e neoclássicos. De planta longitudinal, apresenta uma única nave, ampla, com uma capela-mor mais estreita e elevada por meio de

um degrau. Os púlpitos apresentam balaustrada e acesso por escadaria de granito. A capela-mor tem uma cobertura em abóbada de berço de madeira, ornamentada com pinturas de Cristo e dos quatro Evangelistas. A parede testeira é ocupada por um retábulo com trono eucarístico, em talha policromada a branco e dourado, de estilo neoclássico. A nave é adornada por quatro altares em talha policromada e dourada, de estilo rococó. Os dois altares colaterais têm invocação do Sagrado Coração de Jesus (esquerda) e de Nossa Senhora da Soledade (direita). O arco triunfal apresenta pinturas com motivos vegetalistas de cor dourada.

A construção do Santuário Mariano dos Cerejais iniciou-se em 1961, por iniciativa do cónego Manuel Joaquim Ochôa. É actualmente o maior local de peregrinação do distrito. Destaca-se a festa em honra do Imaculado Coração de Maria, que se realiza no último domingo de Maio. Acolhe obras de diversos artistas de elevada qualidade estética.

A constituição heráldica das armas do concelho, aprovada em sessão da Câmara de 10 de Janeiro de 1935, apresenta a negro uma torre torreada de prata, aberta e iluminada de vermelho, sendo o torreado acompanhado por sete abelhas de ouro postas em semi-círculo, voltadas ao centro. Coroa mural de prata de quatro torres. O listel branco tem a inscrição, Vila de Alfândega da Fé, a negro. A bandeira é branca com cordões e borlas de prata e de negro. A haste e lança são douradas.

Agradecimentos. Os autores agradecem, penhorados, ao prof. Francisco José Lopes, os comentários, críticas e sugestões feitos a uma versão prévia deste trabalho.

Bibliografia consultada

ALVES, Francisco Manuel, Reitor de Baçal – *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal, 2000.

ANDRADE, António Júlio e GUIMARÃES, Maria Fernanda – artigos no *Jornal Nordeste* de 06/04/2021 (BRAGANÇA: A NAÇÃO JUDAICA EM MOVIMENTO- UM INQUISIDOR EM BRAGANÇA A INSTRUIR PROCESSOS), 17/11/2020 (“JUDEUS” EM BRAGANÇA: ANOS DE 1700: QUADROS SOCIAIS OS FAMILIARES DEVEM “VIVER À LEI DA NOBREZA”). E 19/06/2018, 26/06/2018, 18/09/2018, 29/01/2019, 05/02/2019, 09/04/2019, 18/06/2020 (NÓS TRASMONTANOS, SEFARDITAS E MARRANOS).

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Memórias Paroquias, 1722/1832, DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DE PORTUGAL
PT/TT/MPRQ/2/50 ALFÂNDEGA DA FÉ, ALFÂNDEGA DA FÉ
PT/TT/MPRQ/33/36 SAMBADE, ALFÂNDEGA DA FÉ
PT/TT/MPRQ/15/46 FERRADOSA, ALFÂNDEGA DA FÉ
PT/TT/MPRQ/34/123 SENDIM DA SERRA, ALFÂNDEGA DA FÉ

BAPTISTA, João Maria – *Chorographia moderna do reino de Portugal*. Volume I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1874.

COSTA, Antonio Carvalho da – *Corografia Portuguesa, e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal*. Volume I. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1706.

COSTA, Paulo Sousa – *A Torre do Relógio e o Castelo de Alfândega da Fé: 1258-1758*. Porto: DH - Debater a História, 2015.

CUNHA E SILVA, Lourdes Graça Camelo & DIAS, Geraldo Coelho – *Sambade. Santa Maria de Sambade no decurso dos séculos*. Câmara Municipal de Alfândega da Fé, 2017.

LOPES, Francisco José – *Roteiro documental do Arquivo Histórico Municipal de Alfândega da Fé*. Edição do Autor, 2016.

LOPES, Francisco José – *Roteiro documental do Arquivo Histórico Municipal de Alfândega da Fé*. Volume II. Edição do Autor, 2018.

LOPES, Francisco José – *Vilarelos – tempos e memórias*. Lema d’Origem – Editora, 2022.

MATTOSO, José, DAVEAU, Suzanne e BELO, Duarte – *Portugal. O sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. 2.ª edição. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.

MENDES, José Maria Amado – *Trás-os-Montes nos finais do século XVIII, segundo um manuscrito de 1796*. Coimbra: INIC, Centro de História da Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra, 1981.

PINTO, Ana Catarina Leria Rocha – *Judeus, “joia da coroa transmontana” - Proposta de criação de uma rota cultural dos judeus em Trás-os-Montes*. Tese de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras, 2015.

SANT’ANNA DIONÍSIO – *Ares de Trás-os-Montes*. Porto: Lello & Irmão, 1977.

SANT'ANNA DIONÍSIO – *Guia de Portugal. Volume V. Trás-os-Montes e Alto-Douro. II. Lamego, Bragança e Miranda*. 2.a edição. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1983.

SOUSA, Fernando de e PEREIRA, Gaspar Martins – *Alto Douro. Douro Superior*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

VILARES, João Baptista – *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*. Edição da Câmara Municipal. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1926.